

Título
Corpos e campos plurais:
a diversidade no futebol

Organização
Centro de Referência do
Futebol Brasileiro (CRFB)

Capa e projeto gráfico
Hugo Takeyama

Revisão
Ademir Takara, Dóris Régis, Fernanda Zalcmán,
Fiorela Bugatti, Everton Apolinário, Marcel Tonini

Editora
IDBrasil Cultura, Educação e Esporte

Local e ano de publicação
São Paulo, 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP
Ademir Takara CRB-8/7735

C389

Corpos e campos plurais: a diversidade no futebol /
Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) --
São Paulo: ID Brasil Cultura, Educação e Esporte, 2022.

74 p.

ISBN: 978-65-87184-05-0

1. Futebol. 2. Diversidade. 3. LGBTQIAP+. 4. Museu. I. Centro
de Referência do Futebol Brasileiro. II. Título. III. CRFB.

CDD 306.76
CDU 392.6



CORPOS E CAMPOS PLURAIS A DIVERSIDADE NO FUTEBOL

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador | Rodrigo Garcia

Secretário de Estado de Cultura e Economia Criativa | Sérgio Sá Leitão

Secretário Executivo de Estado de Cultura e Economia Criativa | Rogério Custódio de Oliveira

Chefe de Gabinete | Frederico Mascarenhas

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico | Paula Paiva Ferreira

Diretora do Grupo de Preservação do Patrimônio Museológico | Suzy da Silva Santos

Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus | Renata Cittadin

Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo | Denise dos Santos Parreira

Equipe técnica da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

Angelita Soraia Fantagussi

Carolina Rocha Teixeira

Edna Lucia da Cruz

Fabiana Josefa da Silva Magalhães Araújo

Kelly Rizzo Toledo Cunegundes

Luana Gonçalves Viera da Silva

Luciana Andrade Thomazella

Luiz Fernando Mizukami

Marcia Pisaneschi Sorrentino

Marcos Antônio Nogueira da Silva

Mirian Midori Peres Yagui

Rafael Egashira

Regiane Lima Justino

Roberta Martins Silva

Tayna da Silva Rios

IDBRASIL – CULTURA, EDUCAÇÃO E ESPORTE

Conselho de Administração

Presidente | Carlos Antonio Luque

Vice-Presidente | Clara de Assunção Azevedo

Conselheiros

Camila Chagas Aderaldo

Dalton Pastore Junior

Esmeralda Vailati Negrão

Felipe Artur Pie Abib Andery

Fernando José de Almeida

Flavio Fava de Moraes

Ialê Pereira Cardoso

Larissa Torres Graça

Lígia Fonseca Ferreira

Luiz Laurent Bloch

Matheus Gregorini Costa

Mauro da Silva

Ophir Correa de Toledo Filho

Conselho Fiscal

Fabio Carvalho Bergamo

João Wagner Galuzio

Paulo Galdino Coelho

Conselho Consultivo

Aline Pellegrino

Antonio de Pádua Prado Jr

Caio Luiz Cibella De Carvalho

Carlos Augusto Barros E Silva

Daniilo Santos de Miranda

Eduardo Alfano Vieira

Eduardo Machado Barella

Francisco Vidal Luna

Haim Franco

Hélio de Seixas Guimarães

Lilia Katri Moritz Schwarcz

Luis Francisco De Sales

Marcos Ribeiro de Mendonça

Maria Luiza de Souza Dias

Marina de Mello e Souza

Mário Lucio Matias de Sousa Mendes

Nelson Savioli

Silvio Luiz de Almeida

Diretora Executiva

Renata Vieira da Motta

Diretora Administrativa e Financeira

Vitoria Boldrin

Diretora Técnica do Museu do Futebol e do Museu da Língua Portuguesa

Marília Bonas

Núcleo do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB)

Coordenadora | Fiorela Bugatti

Bibliotecário | Ademir Takara

Técnica em Documentação | Dóris Régis

Pesquisadores |

Everton Apolinário e Marcel Tonini

Estagiários |

Filipe Ramos e Sabrina Pinheiro





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
DIVERSIDADES NO PLURAL: UM ENCONTRO DOS MUSEUS COM A CIDADANIA	11
DIVERSIDADE EM CAMPO: FUTEBOL LGBTQIAP+	18
NOTAS DE PESQUISA SOBRE O 'FUTEBOL LGBT' NO BRASIL	32
FUTEBOL TRANSMASCULINO: HISTÓRIAS DE MEDO, BRAVURA E CORAGEM PARA SER QUEM SE É	44
A MUSEOLOGIA E AS VIDAS LGBTQIA+	52
DIVERSIDADE NO ESPORTE: PRESENTE	58
SOBRE OS AUTORES	62
ANEXOS	70

APRESENTAÇÃO

Fiorela Bugatti
Marcel Tonini

Reafirmar e potencializar o papel dos museus como espaços de pesquisa e produção de conhecimento. Esse é o principal compromisso assumido pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), núcleo do Museu do Futebol inaugurado em 2013, que surgiu com o objetivo de pesquisar e documentar as diferentes expressões do futebol no Brasil, com vistas à constituição e salvaguarda do acervo da instituição. Durante sua trajetória pioneira, e ao operar na produção de referências patrimoniais ligadas ao universo do futebol — compreendido em suas múltiplas formas —, o CRFB consolidou-se como espaço de reconhecimento e legitimação de práticas não hegemônicas de jogar e vivenciar o futebol¹.

Foi a partir dessa perspectiva que a equipe do CRFB desenvolveu a ação que dá origem à presente publicação: o projeto de pesquisa e documentação *Diversidade em Campo: futebol LGBTQIAP+*. Realizada entre 2020 e 2022, a iniciativa resultou no mapeamento de histórias e memórias relacionadas ao futebol experimentado por pessoas LGBTQIAP+ em boa parte do território nacional, por meio do registro de personalidades, instituições, eventos e lugares relacionados à prática desportiva.

Lançamos a presente publicação para celebrar esse importante passo dado pelo Museu do Futebol no sentido da constituição de acervo de referência relacionado ao chamado “futebol inclusivo”. Intitulada **“Corpos e campos plurais: a diversidade no futebol”**, seus contornos foram delineados a partir do engajamento

¹ IDBRASIL CULTURA, EDUCAÇÃO E ESPORTE.
Proposta de aditamento: plano de trabalho 2022. São Paulo: Museu do Futebol, 2022. p. 101-103.



de muitas pessoas. Pessoas estas que, de um lado, compõem o quadro funcional do IDBrasil Cultura, Educação e Esporte — organização social de cultura responsável pela gestão do Museu do Futebol e do Museu da Língua Portuguesa. E, de outro, aquelas que formam a vasta rede de parceiros construída ao longo da trajetória deste Museu. São representantes de atletas, pesquisadores, ativistas e membros de instituições culturais que vivenciam questões relacionadas ao futebol e que são atravessadas, direta ou indiretamente, por questões de identidade e expressões de gênero.

Uma vez que o IDBrasil estabeleceu a valorização da diversidade — compreendida em sua multiplicidade de formas e manifestações — como premissa para reger suas condutas, práticas e políticas internas, convidamos integrantes do Grupo de Trabalho *Diversidades*, composto por profissionais de diferentes áreas dos dois museus geridos pela organização social, para abrir a publicação com o compartilhamento da experiência dessa interessante e pioneira iniciativa no âmbito das instituições museológicas.

Em um segundo momento, com vistas a documentar o processo de pesquisa que resultou na constituição de acervo de referência relacionado ao futebol praticado por pessoas LGBTQIAP+, Dóris Régis e Ligia Dona relatam os caminhos e descaminhos traçados pelo referido projeto, o qual foi atravessado pela pandemia da Covid-19. Para tanto, recuperam as primeiras iniciativas do Museu do Futebol relacionadas à pauta dessa comunidade, apresentam a investigação, as notas das referências coletadas e alguns eixos narrativos a partir da memória coletiva. Ao final, apontam caminhos futuros, projetando a continuidade da pesquisa e trazendo uma importante reflexão.

No artigo seguinte, Wagner Xavier de Camargo, cientista social dedicado à investigação de questões relativas ao debate sobre gênero e sexualidade no campo esportivo, discorre sobre a atualidade do fenômeno por ele identificado como “futebol LGBT”, revelando, inclusive, a importância do reconhecimento institucional por parte do Museu do Futebol nesse campo político de atuação e disputa. Mais do que isso, apresenta seu olhar sobre as múltiplas origens das práticas esportivas dessa comunidade no Brasil, e o papel emancipador e de empoderamento das mesmas para aqueles que o praticam. Ainda assim, por meio de sua observação etnográfica, evidencia a transformação das edições da *Champions LiGay*, bem como problematiza a representação de distintos grupos nessa competição esportiva, com especial atenção aos homens trans.

Não é sem razão que o texto escolhido para dar sequência ao debate seja justamente o de Bernardo Gonzales, homem trans e atleta amador, atuante na causa da diversidade e inclusão. Trata-se de um relato em primeira pessoa que traz questões como autoidentificação, tomada de consciência e atuação política enquanto transmasculino, com todos os desafios que tais travessias impõem. Para não estragar a leitura cativante dessa história comovente e inspiradora, limitamo-nos a dizer que ela fala dos medos e atos de coragem de seu narrador, atçando, assim, a curiosidade dos leitores.

O museólogo Leonardo Vieira, por sua vez, divide seu artigo em dois momentos. No primeiro, parte da consideração do futebol como patrimônio cultural brasileiro para a constatação de atos discriminatórios, por um lado, e de usos políticos, por outro, dentro do mesmo universo desse jogo absorvente. No segundo, reflete sobre o próprio campo museológico e a importância da preservação e promoção dessa prática esportiva para fomento da cidadania e reconhecimento da dignidade humana.

Como texto de encerramento, temos o artigo de Carlos Renan dos Santos Evaldt, bacharel e pós-graduado em Direito. Ele narra a origem e os desdobramentos de uma liga voltada para a prática de futebol por pessoas LGBTQIAP+, a LiGay Nacional de Futebol, fundada há apenas cinco anos, da qual, aliás, é o atual presidente. Ele também participou da criação da equipe Magia Sport Club, em 2005. É, pois, sob essa perspectiva, a de quem não apenas está dentro, mas liderando esse processo, que o autor narra brevemente essa história. Ao final, expõe sonhos de uma luta que não deveria ser somente da comunidade da qual faz parte, defendendo que a mudança para um mundo menos discriminatório e mais igual exige a consciência e a participação de toda a sociedade.

Mais do que esgotar o tema, nosso propósito com esta publicação é lançar múltiplos olhares para a temática do futebol praticado por pessoas LGBTQIAP+, fomentando a reflexão e o debate, e reafirmando o compromisso do IDBrasil, por meio do Museu do Futebol, na promoção da diversidade e no combate a todas as formas de discriminação, dentro e fora de campo.

Como último ponto, mas não menos importante, cabe sinalizar que entendemos o caráter dinâmico das discussões sobre a sigla que remete à comunidade como um todo. Compreendemos que se trata de algo em constante alteração, uma vez que a inclusão de novos grupos permite visibilidade a suas demandas e necessidades. Para fins dos textos produzidos pelas equipes do IDBrasil, optamos por utilizar a sigla LGBTQIAP+, levando em consideração reflexões e debates internos, bem como a sugestão de entrevistados pelo projeto de pesquisa que motivou esta publicação.

DIVERSIDADES NO PLURAL

UM ENCONTRO DOS MUSEUS COM A CIDADANIA

Evelyn Ariane Lauro
Júlia Paccanaro Rosa
Marcelo Continelli
Uma Reis Sorrequia

Em nome do GT Diversidades

Museus vêm, há décadas, se afirmando como agentes de desenvolvimento social. Desde pelo menos a metade do século XX, mostram-se como importante arena para um debate internacional sobre sustentabilidade, diversidade e equidade. Nesse sentido, estão se consolidando como espaços de memórias que, longe de se voltar ao passado, contribuem para a reflexão sobre o nosso tempo e sobre o legado destes às gerações futuras. A relação entre passado, presente e futuro é, portanto, a própria matéria do museu do século XXI.

Considerando seu papel social, o que se espera dos museus é que sejam, antes de tudo, acessíveis em todos os níveis e a todos os públicos.

Acessibilidade é um conceito (e uma prática) em constante transformação. Embora a pauta tenha se organizado a partir do reconhecimento e da garantia de direitos civis das pessoas com deficiência, atualmente os debates e as políticas de acessibilidade se voltam a todos os grupos que, por questões sociais, políticas, econômicas, físicas, intelectuais ou quaisquer outras, enfrentam obstáculos à plena participação cidadã. Acessibilizar é transformar para acolher, e o benefício é para



toda a sociedade, não apenas para os grupos cujas diferenças são foco das ações de inclusão.

Acessibilizar para a participação plena é garantir a presença diversa e em todas as camadas de atuação do museu: na diversidade de público, na composição das equipes internas, nas contratações de produtos e serviços.

Não menos importante neste contexto, o museu deve se comprometer com a defesa e a efetivação da diversidade epistêmica. Ao adotar uma política que pretenda eliminar as barreiras atitudinais e ampliar o conceito e a prática de acesso, o museu também legitima as muitas outras histórias que foram e ainda são apagadas pela epistemologia dominante.

É passível de compreensão que a reestruturação de qualquer instituição às práticas e atitudes que gerem acessibilidade para todos os públicos requer tempo, investimento financeiro e formação de cultura institucional. No entanto, é necessário recordarmos que acessibilidade é um direito de todas as pessoas e está prevista legalmente, sendo responsabilidade de cada museu garanti-la para os mais diversos públicos, centrando o debate e as ações na diversidade, na equiparação de oportunidades e na interseccionalidade de classe, raça, etnia, gênero, sexualidade, credo, diversidade social e funcional, de maneira urgente.

Em consonância com esse - nem tão - novo paradigma de museu, o IDBrasil Cultura, Educação e Esporte - organização social (OS) de cultura responsável pela gestão do Museu do Futebol e do Museu da Língua Portuguesa - vem assumindo como parte de seus compromissos éticos refletidos em suas políticas internas o respeito às diferenças e à garantia do princípio da dignidade da pessoa humana, fundamentais na promoção da democracia, da justiça e da igualdade.

Somos espaços de liberdade e acolhimento, que prezam por valores antidiscriminatórios e protetivos das identidades culturais, de classe, étnico-raciais, de gênero e sexuais, visando promover a efetivação do princípio constitucional de equidade nas oportunidades a qualquer pessoa que venha nos visitar, que faça parte de nossas equipes ou que se relacione conosco em qualquer outra dimensão.

Para além de não compactuar com qualquer ato discriminatório e repudiar todas as formas de preconceito, seja em virtude de raça, cor, etnia, origem, crença, gênero, sexualidade, corporalidades, sensorialidades, motricidades, idade ou em função de qualquer traço identitário, defendemos que combatê-los é parte imanente da postura comprometida com a transformação social pretendida.

O IDBrasil acredita que promover práticas de enfrentamento às diversas formas de discriminação significa ter condições de identificá-las na prática cotidiana, fixada nas relações de expressão interpessoal, institucional e estrutural, para combatê-las e eliminá-las do convívio social. Nesse sentido, também perpassa em nossas políticas de acessibilidade o compromisso com a diversidade epistêmica, com a finalidade de legitimar as histórias dos diversos grupos que compõem nossa sociedade.

Nossos museus buscam expressar esse posicionamento nas múltiplas experiências, ações e atividades, obras e exposições, na relação com os territórios que habitam e, sobretudo, na relação com seus colaboradores, e é nesta perspectiva que nasce o GT Diversidades.

Em 2019, durante o planejamento estratégico para a reabertura do Museu da Língua Portuguesa, surgiu a necessidade de se compreender internamente como estava o clima institucional. Dessa forma, e com uma metodologia de escuta livre, as coordenações e o Núcleo de Recursos Humanos iniciaram o movimento de abertura para ouvir diretamente dos colaboradores quais eram seus maiores incômodos em relação à instituição como um todo.

No total, foram listados 110 incômodos que foram divididos em 10 categorias diferentes, quais sejam: Gestão, Diretoria, Carreira, Eventos, Comunicação, Equipe, RH, Público, Conselho, Exposição e uma outra categoria de Sugestões.

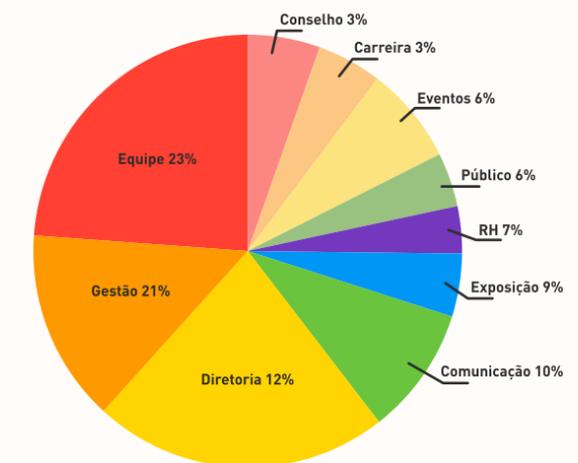


Gráfico com a separação das categorias tabuladas a partir dos incômodos mencionados pelos colaboradores. Elaborado por Marcelo Continelli

Foi no âmbito da categoria “Equipe” que surgiram as primeiras denúncias de que, dentro da instituição, alguns comportamentos intoleráveis eram praticados com alguma frequência. A constatação de práticas machistas, racistas e homofóbicas dentro da organização social disparou um alerta de urgência. Como resposta a esses relatos, a direção propôs a criação de um grupo de trabalho que pudesse auxiliar a gestão a criar um ambiente mais seguro, capaz de transformar ambos museus em espaços diversos e de respeito às diferenças. Foi o primeiro passo para a criação de um GT cujos participantes eram todos voluntários. Paralelamente a esse movimento, a instituição instalou um departamento externo e independente de *compliance*, além de formalizar um Código de Ética e de Conduta, amplamente divulgado aos colaboradores.

Batizado inicialmente como GT Diversidade, esse grupo de trabalho é composto por membros de diversas áreas dos dois museus. Para que pudesse ser um ambiente seguro, estabeleceu-se que, nas reuniões do grupo, seus membros se colocariam de maneira horizontal, independentemente do cargo ocupado na instituição. Esse primeiro passo foi importante para que as ideias e propostas que surgiram e viriam a surgir pudessem ser trazidas à luz sem qualquer receio. A partir daí, esse grupo de trabalho deu início a uma série de ações que visam a educação dos colaboradores, bem como do público externo.

Destaca-se, principalmente, a realização do censo, que mapeou não somente a diversidade existente entre os funcionários da instituição, mas também as situações de assédio e preconceitos vividas e/ou presenciadas por eles. É o censo que vai direcionar as próximas ações do GT.

Atualmente, o grupo — agora denominado GT Diversidades, por entender que são múltiplas as diversidades existentes —, é parte importante das frentes pela inclusão no IDBrasil, atuando em consonância com o trabalho que já vinha sendo realizado pelas mais diversas áreas, e que desejamos que seja cada vez mais frequente e assertivo, como as mudanças na expografia, no acervo e na temática das exposições; as políticas de contratação pela diversidade e os protocolos de atendimento aos públicos, combate ao racismo e às múltiplas formas de discriminação, entre outras ações.

Poder registrar e difundir a experiência do GT Diversidades reforça que o IDBrasil tem sido espaço aberto para o diálogo e para ações de transformação. Por isso, muito nos alegra o convite do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) para abrir o *e-book* do *Diversidade em Campo*, projeto pioneiro e tão importante

para dar visibilidade aos times LGBTQIAP+.

Apesar de ser o esporte mais popular do mundo, o futebol ainda é um campo majoritariamente masculino, cisgênero e heterossexual. O machismo e a LGBTQIAP+fobia reproduzida nas falas e ações das equipes e das torcidas acabam por afastar grupos minoritários não somente da prática do futebol, mas também do gosto por torcer e assistir às partidas.

Promover um futebol mais democrático e diverso é, portanto, um golaço!

DIVERSIDADE EM CAMPO

FUTEBOL LGBTQIAP+

Dóris Régis
Ligia Dona

O *Diversidade em Campo* é um projeto de pesquisa do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) voltado à ampliação de referências patrimoniais relacionadas às diferentes manifestações do futebol, ou também dos “futebóis”, trazendo luz à pluralidade de manifestações possíveis a partir da apropriação desse esporte nos mais diversos contextos.

A primeira série do projeto teve o objetivo de mapear e referenciar personalidades, instituições e eventos ligados ao futebol LGBTQIAP+. Intitulada *Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+*, foi iniciada no segundo semestre de 2020 e resultou na realização de mais de vinte entrevistas com jogadores e dirigentes de equipes inclusivas, além do mapeamento de oitenta e seis times de dezenove estados do país, treze campeonatos e duas entidades organizadoras. O projeto reforça o objetivo do Museu do Futebol em promover o respeito e a inclusão a todas as pessoas, independentemente de idade, cor/raça/etnia, identidade de gênero, orientação sexual ou classe social.

A seguir, apresenta-se um breve relato da pauta LGBTQIAP+ nas ações desenvolvidas pelo Museu do Futebol e pelo CRFB, um detalhamento do projeto de pesquisa e documentação, seus resultados e pontos de destaque.



1. HISTÓRICO

A escolha pelo recorte LGBTQIAP+ se deu a partir da reflexão sobre o histórico de atuação do Centro de Referência do Futebol Brasileiro junto ao público e o desejo de memória manifesto em mais de uma ocasião em eventos institucionalizados, dentre os quais se destacam “Violências Indizíveis” (2017) e “Futebóis: Pluralidade e Representatividade” (2019).

Ao longo de seus anos, o Museu do Futebol produziu sete atividades cujos temas abordaram a diversidade no esporte. Abaixo, descritas por ordem cronológica, seguem as ações.

PELO DIREITO DE TORCER (2016)

A primeira participação do CRFB em uma iniciativa de mapeamento e registro de histórias LGBTQIAP+ no futebol foi a atividade de pesquisa e documentação “Pelo Direito de Torcer: coletivos e grupos de torcedores antimachismo e homofobia”. Idealizada no ano de 2016 por Maurício Rodrigues Pinto como parte de seu mestrado em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo (USP), a ação colheu depoimentos de sete personalidades atuantes na luta contra o machismo e a homofobia no futebol brasileiro.

Participaram da atividade representantes dos coletivos de torcedores Galo Queer, Movimento Toda Poderosa Corinthiana e Palmeiras Livre. As entrevistas ocorreram presencial e virtualmente e foram conduzidas pelo mestrando e pela pesquisadora Aira Bonfim, colaboradora do Centro de Referência do Futebol Brasileiro, de 2011 a 2018¹.

VIOLÊNCIAS INDIZÍVEIS (2017)

Em 2017, a 15ª Semana Nacional de Museus, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), apresentou uma extensa programação com o tema “Museus e histórias controversas, dizer o indizível em museus”. A participação do Museu do Futebol no evento ocorreu em 20 de maio com a realização da oficina

¹ PELO DIREITO DE TORCER. In: Centro de Referência do Futebol Brasileiro. [São Paulo: Museu do Futebol, 2016]. Disponível em: <https://dados.museudofutebol.org.br/#/tipo:eventos/646540,Pelo%20Direito%20de%20Torcer>. Acesso em: 20 jul. 2022.

“Violências Indizíveis” na biblioteca e midiateca do CRFB. O evento, realizado em parceria com o Intermuseus, convidou representantes da sociedade civil, equipes inclusivas, coletivos de torcedores e pesquisadores para refletir sobre a representatividade LGBTQIAP+ no futebol e na própria instituição. A oficina seguiu com o relato das experiências pessoais dos participantes e uma visita técnica ao espaço expositivo para análise dos acervos e discursos narrativos.

O “Violência Indizíveis” contou com a presença de membros da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Bulls Associação da Diversidade Esportiva, Comitê Desportivo LGBT do Brasil, Meninos Bons de Bola, Movimento Toda Poderosa Corinthiana, Natus FC, Setor 2 e Unicorns Brazil.

Posteriormente, duas ações foram tomadas com os resultados dessa atividade: um documentário sobre o projeto foi disponibilizado no canal do YouTube do Museu do Futebol²; e, a partir das sugestões dos participantes, com o intuito de tornar o espaço expositivo mais receptivo ao público LGBTQIAP+, o Museu do Futebol incluiu em seus banheiros placas com uma mensagem de respeito à diversidade.



Placa inserida nos banheiros do Museu do Futebol em 2017. Museu do Futebol | Divulgação

² DIZER O INDIZÍVEL EM MUSEUS. 2017. 1 vídeo (11:44 min). Publicado pelo canal Museu do Futebol. Disponível em: <https://youtu.be/oE2i2ssv5BI>. Acesso em: 18 jul. 2022.

ESPORTES NOS GRUPOS LGBT+ (2017)

Organizado em junho de 2017 pelo Núcleo de Exposições e Programação Cultural do Museu do Futebol, o bate-papo “Esportes nos grupos LGBT: como tornar o esporte mais inclusivo aos grupos LGBT?” trouxe reflexões acerca da criação de espaços e da inclusão de grupos LGBTQIAP+ no esporte, sobretudo no futebol.

O evento contou com a mediação de Wagner Xavier de Camargo, pós-doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos, e a participação de representantes dos times Meninos Bons de Bola, Bulls Football SP, Unicorns Brazil e do Comitê Desportivo LGBT. A atividade foi gratuita e transmitida nas redes sociais do Museu do Futebol.

FESTIVAL OCUPA PACAEMBU (2017)

O festival Ocupa Pacaembu foi uma das várias atividades relacionadas ao “Estéticas das Periferias”, projeto criado pela Ação Educativa que mobiliza espaços culturais da cidade de São Paulo para celebração da produção cultural das periferias durante uma semana. A 7ª edição, realizada de 25 de agosto a 3 de setembro de 2017, contou com mais de 100 agendas em 17 diferentes locais, além da participação de 30 coletivos e instituições.

A programação do Ocupa Pacaembu ocorreu no Museu do Futebol e na Praça Charles Miller em 26 de agosto. De forma gratuita, trouxe atividades para diversas faixas etárias como visitas educativas, oficinas, feira de economia solidária, apresentações musicais, feira de troca de livros, sarau e exibição de filmes. No evento, também foi realizado um torneio de futebol de rua com a participação de 16 times e coletivos que levantam bandeiras de lutas sociais, como o combate ao preconceito racial e à homotransfobia. Fundada em 2016, a equipe do Meninos Bons de Bola, primeira no Brasil formada por homens trans³, foi homenageada.

³ MENINOS BONS DE BOLA. In: Centro de Referência do Futebol Brasileiro. [São Paulo: Museu do Futebol, 2022]. Disponível em: <https://dados.museudofutebol.org.br/#/tipo:institicoes/661544,Meninos%20Bons%20de%20Bola>. Acesso em: 18 jul. 2022.



Jogadores do Meninos Bons de Bola durante o festival Ocupa Pacaembu, 2017. Acervo Museu do Futebol | Foto: Cassimano.

3º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL (2018)

Realizado quadrienalmente desde 2010 pelo Museu do Futebol em parceria com o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas da Universidade de São Paulo (LUDENS-USP), o Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol promove discussões entre pesquisadores, docentes e profissionais do esporte acerca da produção acadêmica mais expressiva a respeito do futebol no Brasil e no mundo.

A terceira edição ocorreu de 26 a 29 de setembro de 2018 e trouxe em seu subtítulo o tema “Políticas, Diversidades e Intolerâncias”. Além de oficinas e mesas de debate com convidados nacionais e internacionais, o evento contou com a apresentação de artigos e pôsteres submetidos em diversos eixos temáticos, com destaque para “Gênero e Diversidade” e “Tensões e Intolerâncias”. Também foi realizada uma plenária com representantes de coletivos, grupos de torcedores e equipes de futebol amadoras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

FUTEBÓIS: PLURALIDADE E REPRESENTATIVIDADE (2019)

Em 2019, no âmbito das discussões sobre a renovação de sua exposição de longa duração e para refletir sobre a inclusão de temas representativos, como o futebol de várzea, LGBTQIAP+ e de mulheres, o Museu do Futebol promoveu encontros abertos no Auditório Armando Nogueira.

Chamado de “Futebóis: pluralidade e representatividade”, o segundo evento ocorreu em 20 de fevereiro de 2019 e reuniu, presencial e virtualmente, pessoas e instituições mapeadas pelo Centro de Referência durante seu projeto de implantação, no ano de 2013. Dentre os convidados estavam pesquisadores, dirigentes de clubes profissionais e amadores, coletivos de torcedores de futebol, jogadores e representantes dos diversos futebóis.

TRUE COLORS CUP (2019)

A primeira edição da True Colors Cup, campeonato LGBTQIAP+, ocorreu em São Paulo entre os dias 7 e 8 de setembro de 2019. Com o objetivo de fortalecer a luta contra a homofobia no esporte e dar visibilidade aos seus praticantes, foram realizados jogos com a participação de 32 equipes de futebol e vôlei.

O Museu do Futebol, junto ao Museu da Diversidade Sexual, apoiou institucionalmente a realização do torneio, sendo também um espaço para coleta ativa de contatos de atletas e times.

2. O PROJETO

É nesse contexto de pluralização do conceito de futebol para futebóis, em que se pretende discutir e superar as narrativas hegemônicas⁴, como pincelado no tópico anterior, que se desenhou o projeto de pesquisa *Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+*. Como objetivo principal, estabeleceu-se o mapeamento e referenciamento de personalidades, instituições e eventos relacionados à prática e à memória do futebol inclusivo em território brasileiro. Considera-se referência para o Museu do Futebol, conforme menciona sua Política de Acervo⁵, “algo que já

⁴ IDBRASIL CULTURA, EDUCAÇÃO E ESPORTE. **Proposta de aditamento:** plano de trabalho 2022. São Paulo: Museu do Futebol, 2022. p. 31.

⁵ MUSEU DO FUTEBOL. **Política de acervo.** São Paulo: Museu do Futebol, 2017, p.26.

seja reconhecido pela comunidade”. Ainda sobre o conceito de referência:

Uma prática (evento), um local ou instituição, artefatos de diferentes naturezas e tipologias (coleções/arquivos/acervos) e/ou uma pessoa cujas histórias relacionem-se ao futebol de tal maneira que as tornem reconhecidas pela comunidade em que estão inseridas pelo seu envolvimento com a memória do esporte⁶.

Iniciado no segundo semestre de 2020, o projeto foi desenvolvido a partir de um dos métodos de pesquisa que pautam o trabalho do Centro de Referência do Futebol Brasileiro: a história oral. É importante ressaltar que o desenho metodológico do CRFB vem sendo gestado desde antes de sua fundação, em 2013, em uma parceria entre o Museu do Futebol e a Universidade de São Paulo por meio do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU)⁷. Dado o auge do contexto pandêmico da Covid-19 e a paralisação de eventos e serviços, os trabalhos de campo foram suspensos e, conseqüentemente, a etnografia. Logo, a equipe adaptou-se e realizou todas as entrevistas em encontros virtuais.

O primeiro desafio era, portanto, pensar uma maneira de aproximação com o entrevistado e deixá-lo confortável. Mesmo que houvesse um contato prévio à entrevista, muitas vezes por WhatsApp ou *e-mail*, um dos principais empecilhos era não ter um momento presencial de “quebra de gelo”. Por isso, desde a primeira abordagem, a equipe se dispunha a esclarecer quaisquer dúvidas através do canal que o convidado se sentisse mais confortável. Ao iniciar a videochamada, por exemplo, reservava-se até 15 minutos antes de começar a gravação para falar um pouco mais sobre o projeto, histórico da pauta na instituição e apresentação dos entrevistadores.

O segundo era traçar um roteiro de entrevistas que abarcasse também os pontos que não poderiam, naquele momento, ser retratados através do trabalho de campo. Por isso, formulou-se um roteiro⁸ semiestruturado com questões norteadoras dividido em cinco eixos: introdução e apresentação do convidado (nome, idade, profissão), motivações/experiências pessoais e afinidade pelo futebol (infância, família, como chega ao futebol), sobre o time (fundação e fundadores, onde jogam, hierarquia do time, como se mantém financeiramente), experiência em campeonatos (de quais participou, como foi, títulos) e considerações finais

⁶ MUSEU DO FUTEBOL. **Política de acervo.** São Paulo: Museu do Futebol, 2017, p.48.

⁷ IDBRASIL CULTURA, EDUCAÇÃO E ESPORTE. **Proposta de aditamento:** plano de trabalho 2022. São Paulo: Museu do Futebol, 2022. p. 21.

⁸ Disponível em “Anexos”.

(o que achou da entrevista, que futebol representa atualmente em sua vida). Nessa formulação, um de nossos esforços era também diferenciar a nossa conversa de uma entrevista midiática, por exemplo. Isto é, mostrar que, além de sua trajetória como jogador ou dirigente, também era de nosso interesse saber sobre sua infância, como chegou ao futebol, dentre outras questões.

Para além da entrevista, outros requisitos foram elencados para um mapeamento qualificado: compartilhamento de acervos fotográficos pelo entrevistado e catalogação das referências no banco de dados do Museu do Futebol. No que tange ao segundo, ademais de ser o registro e a sistematização dos dados coletados, trata-se também de uma devolutiva aos participantes do projeto e de uma conformação de sua memória como parte do repertório patrimonial da instituição.



Atletas do Bharbixas Esporte Clube posam para fotografia. Acervo Museu do Futebol | Coleção Bharbixas EC | Direitos Reservados.

3. APONTAMENTOS SOBRE A COLETA E CAMINHOS FUTUROS

Ao longo de dois anos, foram realizadas vinte e uma entrevistas com jogadores e dirigentes de equipes inclusivas. Foram mapeados oitenta e seis times de todas as regiões do país: norte (16), nordeste (16), centro-oeste (5), sudeste (34) e sul (15). Além disso, treze campeonatos e duas entidades organizadoras — LiGay e *Federation of Gay Games*. Foram compartilhadas mais de quatrocentas e quinze fotos que conformam atualmente dezoito coleções do Acervo do Museu do Futebol.



Mapa do Brasil com localização dos times. Os pontos maiores são aqueles com maior concentração de equipes. Elaborado por Ligia Dona.

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMILIAR

A relação familiar era sempre um ponto delicado da entrevista. Ao passo que tínhamos interesse em saber, havia também certo receio em abordar um ponto tão sensível no tocante à produção da subjetividade de pessoas LGBTQIAP+⁹. Se, por um lado, escutamos relatos que demonstravam certa falta de apoio; por outro, ouvimos também relatos felizes. Ambas as situações exemplificam a importância

⁹ Para mais informações, indicamos os estudos: OLIVEIRA, L.; BARRETO, T. C. Silêncios em discurso: família, conflito e micropolítica em narrativas sobre a revelação da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 33, set./dez. 2019, p. 318-342. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/vPwsjq55CZ6Q4t9F4jr3xTj/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2022. e PERUCCHI, J.; BRANDÃO, B. C.; VIEIRA, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 19, n. 1, mar. 2014, p. 67-76. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/hmnDL9rQSLJyQxfNgmsp9dq/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2022.

da aceitação e da presença familiar em suas trajetórias pessoais. Rodrigo Arcanjo, fundador e técnico do Trans United (RJ), tem uma relação com o esporte de longa data: além de jogador de futebol, também foi atleta de *kung fu*. Justamente por essa trajetória de esportista, sempre contou com o apoio de seus pais. No entanto, a relação de cumplicidade encerrou-se a partir do momento em que sua transição de gênero entrou em questão:

Assumi a minha sexualidade, assumi o meu gênero e tive de perder as relações com os meus pais. É uma coisa comum, infelizmente. É a coisa mais comum que acontece hoje em dia. E os meus pais não aceitaram. Então, todo aquele apoio que eu tinha do esporte, eu perdi. Eu perdi e eu tive que trabalhar, realmente, viver de mim. Tive de estudar mais ainda. Então, o esporte foi ficando de lado. Então, aquela toda minha paixão ficou só em ver jogos, em torcer pelo meu time, em ver os jogadores que eu sou fã. Então, aí começou a outra etapa da minha vida. Nasceu o Rodrigo. E começou toda essa busca por um time de futebol que foi a coisa mais difícil de eu achar¹⁰.

Isso fica evidente com o relato de Gean Carlos, atleta e dirigente do Divas (PI), o qual menciona que, logo na adolescência, seus pais não entendiam sua orientação sexual, a compreendendo como uma “doença”¹¹. Mas é possível notar uma transformação desse “entendimento” com o passar dos anos, quando o jogador menciona uma situação em que o pai, ao acompanhar um dos jogos do Divas, respondeu a um comentário homofóbico de um colega de arquibancada.

Até uma vez ele foi para um jogo mais nós noutra cidade. Aí ele estava no campo, aí tinha um amigo dele lá nesse campo. Aí o amigo dele fez um certo comentário, disse assim: meu Deus, olha o povo vai apoiar esse tanto de gay aí, não sei o que, olha o tanto de gente que vem com eles. A gente sempre vai num carro e vai outro carro lotado da comunidade,

¹⁰ ARCANJO, Rodrigo. [Entrevista concedida a] Dóris Régis e Ligia Dona [para o projeto] Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro; Museu do Futebol, 18 ago. 2020.

¹¹ CARLOS, Gean. [Entrevista concedida a] Ademir Takara e Ligia Dona [para o projeto] Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro; Museu do Futebol, 29 set. 2021.

o pessoal vai. Aí até meu pai olhou assim: pois é, pois um desses gays aí, eu tenho um filho aí no meio e eu estou aqui vendo ele jogar¹².

O QUE O FUTEBOL REPRESENTA PARA VOCÊ?

“O futebol foi vindo para mim ali na rua, na escola...”. Essa foi a resposta de Jhonata Nascimento. Para muitos, esse primeiro contato com o esporte acontece na infância. Seja na aula de educação física na escola, na pelada de rua, na escolinha de futebol. O esporte em geral é uma aposta na formação das crianças e adolescentes pelo bem-estar físico, mas serve também para ensinar valores, regras e acordos sociais — comprometimento, pontualidade, trabalho em equipe, etc. Com o tempo, algumas pessoas são afastadas da prática esportiva por questões relacionadas ao corpo, pela falta de desenvoltura, ou porque começa a ser excluído pelos outros companheiros. É o que relata Gean Carlos, atleta e fundador do Divas (PI):

Às vezes, quando eu ia jogar futebol também. Os meninos: “não, eu não quero ele no time, que ele é meio assim mole, não sei o quê”. Até para a gente ir para o campo era difícil, eu ia ficar assistindo de fora porque eles não botavam pra “nós jogar”¹³.

Bernardo Gonzales, jogador do T Mosqueteiros (SP), com passagens anteriores por outros times paulistas, foi outro entrevistado. Homem trans, professor e ativista, o jogador menciona que, apesar de gostar de jogar e considerar ter aptidão para o futebol, sua adolescência foi extremamente marcada pela LGBTfobia.

A coisa da LGBTfobia é muito presente dentro dos espaços esportivos, então era: “Ah, sapatão... Ah, Maria homem”, né? Então as meninas do time que jogavam comigo, a maioria heterossexuais... Tinha um monte de sapatão ali também no meio, mas a maioria heterossexual... Também não queriam muito contato, porque tinha aquele estranhamento do tipo: “Aí, se me aproximar, vou pegar esse vírus... O que será que vai acontecer?”. Então, essas coisas me deixaram muito ansiosa na época, né? Me deixavam muito mal. E isso fez com que eu entendesse que

¹² CARLOS, Gean [entrevista concedida a] Ademir Takara e Ligia Dona [para o projeto] Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro; Museu do Futebol, 29 set. 2021.

¹³ Ibidem.

futebol não era um espaço para mim, assim, que eu tinha que fazer outras coisas da vida, porque o futebol já tinha chegado no limite... Ele já tinha me marcado de muitas formas ruins, e aí eu me afastei completamente do futebol¹⁴.

A reaproximação de Bernardo com a modalidade acontece após mais de uma década, quando já havia ingressado na universidade. Esse movimento de distanciamento e reaproximação com a modalidade é comum nos relatos de outros atletas também. É por isso que quando perguntamos “o que o futebol representa hoje para você?”, as respostas tem um tom emancipatório. Para Rodrigo Arcanjo, do Trans United (RJ), o futebol significa inclusão, é “viver aquilo que eu sempre quis com pessoas iguais a mim [...] saber que se eu estiver me perdendo, eu vou entrar no grupo do time e vou falar com aqueles moleque ali que me abraçam”¹⁵. No mesmo tom, Vinícius Ribeiro, jogador do Bhabixas (MG) em 2020, alega que “é o espaço onde hoje eu consigo ser quem eu sou de verdade, [...] porque antes eu jogava futebol porque eu gostava, obviamente, mas eu tinha que manter minha pose de machão”¹⁶.

FUTEBOL INCLUSIVO É UM FUTEBOL LGBTQIAP+?

Quando iniciada a primeira rodada de entrevistas do projeto em 2020, nos deparamos com o termo “inclusivo”. A primeira menção ocorreu na entrevista de Rodrigo Ziegler, jogador e dirigente do Karyocas (RJ), que menciona que uma equipe inclusiva é composta por jogadores LGBT+¹⁷, seguido de menção por André Machado, do BeesCats (RJ), que usa o termo para substituir o termo “futebol

¹⁴ GONZALES, Bernardo. [Entrevista concedida a] Dóris Régis e Ligia Dona [para o projeto] Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro; Museu do Futebol, 27 jun. 2020.

¹⁵ GOMES, Dante; MESQUITA, John; ARCANJO, Rodrigo. [Entrevista concedida a] Dóris Régis e Ligia Dona [para o projeto] Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro; Museu do Futebol, 10 maio 2022.

¹⁶ RIBEIRO, Vinícius. [Entrevista concedida a] Camila Aderaldo e Lucas Cabrini [para o projeto] Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro; Museu do Futebol, 27 jun. 2020.

¹⁷ ZIEGLER, Rodrigo. [Entrevista concedida a] Dóris Régis e Ligia Dona [para o projeto] Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro; Museu do Futebol, 23 jun. 2020.

gay”¹⁸. O termo “inclusivo” é utilizado pelos entrevistados como um sinônimo de “LGBTQIAP+”. Mariel Meira, integrante do Madalenas FC (SP), também usa o termo ao relatar as regras que são veiculadas às novas integrantes da equipe¹⁹.

Dito isso, a questão que fica é: o futebol inclusivo abrange quais siglas? É possível dizer que, atualmente, o trabalho realizado pelo Centro de Referência incluiu todas as representações da diversidade e da pluralidade do termo LGBTQIAP+? Essa é uma pergunta ainda sem respostas.

Apesar de seu fim como uma meta do Programa de Acervos do Museu do Futebol em 2022, o projeto *Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+* terá continuidade através de outras ações, como a produção e revisão de registros no banco de dados, o referenciamento de novas equipes e entidades através da pesquisa, a coleta de acervos audiovisuais e a realização de atividades em parceria com os grupos mapeados. Do mesmo modo como se sucedeu com o tema mulheres do futebol, o CRFB tem a ousada intenção de se colocar como um repositório e um local de referência também sobre o assunto aqui discutido.

PARA SABER MAIS

CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO. Reinventando caminhos para a pesquisa em museus: projetos do CRFB em tempos de distanciamento social. São Paulo: Museu do Futebol, 01 jun. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/Kw7JW7pplVA>. Acesso em: 25 jul. 2022.

DIVERSIDADE EM CAMPO: Futebol LGBTQIAP+. In: Centro de Referência do Futebol Brasileiro. [São Paulo: Museu do Futebol, 2022]. Disponível em: <https://dados.museudofutebol.org.br/#/tipo:eventos/718407,Diversidade%20em%20Campo:%20Futebol%20LGBTQIAP+>. Acesso em: 25 jul. 2022.

RÉGIS, Dóris; DONA, Ligia (Curadoria). Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+. 28 jun. 2022. [Exposição Virtual]. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/tgVBvQE23FLSYA>. Acesso em: 25 jul. 2022.

RÉGIS, Dóris; DONA, Ligia. Diversidade em Campo: Futebol LGBT+. Museu do Futebol (Site), São Paulo, 2021. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/narrativas/diversidade-em-campo-futebol-lgbt/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹⁸ MACHADO, André. [Entrevista concedida a] Dóris Régis e Ligia Dona [para o projeto] Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro; Museu do Futebol, 9 set. 2020.

¹⁹ MEIRA, Mariel. [Entrevista concedida a] Dóris Régis e Ligia Dona [para o projeto] Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro; Museu do Futebol, 10 set. 2020.

NOTAS DE PESQUISA SOBRE O 'FUTEBOL LGBT' NO BRASIL

Wagner Xavier de Camargo

INTRODUÇÃO

Há mais de quinze anos tenho feito pesquisas no âmbito das práticas esportivas de/para pessoas que se autodeclaram ou se reconhecem como LGBTQIA+¹. Trata-se de entender a luta política pelo reconhecimento do direito de tais sujeitos em praticar exercícios físicos e esportes, no âmbito do lazer ou da competição de alto nível, sem serem discriminados ou excluídos.

1 Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queer*, intersexos, a-gêneros ou assexuais e demais.



Mais sistematicamente, há cerca de seis anos, venho acompanhando a criação e proliferação de coletivos em relação ao futebol de salão ou fut7 (*society*), primeiramente organizadas por homens, *homo e bissexuais*, e atualmente também por mulheres *lésbicas e transexuais*². A prática futebolística tem se tornado uma constante para tais grupos e um instrumento de empoderamento dentro da comunidade em todo o país³.

O futebol de salão e o *society* são esportes urbanos, que têm crescido no apelo popular desde os anos 1980-90. Eles têm por função agregar círculos próximos de amizade, notadamente de sociabilidade de homens (mas, hoje em dia, não apenas), em ginásios ou quadras de grama sintética, que podem ser alugados de modo avulso ou por mensalidades. Tais práticas esportivas são circunscritas em ambientes seguros, com certa infraestrutura de vestiários para trocas de roupas e pequenos comércios (cantinas ou restaurantes). Não raros são os costumes de beber, fazer/comer churrasco e levar companhias, como namoradas(os), “ficantes” e amigas(os).

Especificamente no caso do chamado *futebol LGBT*, a bandeira defendida é contra os preconceitos instituídos vinculados às questões de sexualidade e gênero em espaços esportivos. A proposta anunciada parece ser a de celebrar a diversidade de múltiplas expressões de gênero que coexistem, combatendo ao mesmo tempo a homo, a bi e a transfobia, e demonstrando que o esporte não é monoliticamente cisheteronormativo, ou baseado nas lógicas estruturantes da heteronormatividade e da cisgeneridade⁴.

Atualmente há cerca de 80 equipes em atividade em todas as regiões geoeconômicas do Brasil, embora nem todas funcionem da mesma forma, com representação em campo de todas as siglas (LGBTQIA+) ou tenham patrocínio — este é um dado bastante raro na realidade da maioria esmagadora dessas equipes.

2 As categorias identitárias fixas prevalecem no campo, o que é motivo de tensões e conflitos a todo instante. Em que pese entendê-las sob rasura, conforme enfatiza Butler (2003), penso que ao invés de resolver tratando sujeitos por outra nomenclatura, melhor dar ouvi-los e considerar suas classificações. Como são assim colocadas pelos sujeitos, tais expressões serão grafadas em *itálico* ao longo do texto.

3 Recentemente publiquei, junto com o jornalista Flávio Amaral, sobre a trajetória do Ball Cat's, uma equipe LGBT, que traz uma proposta inclusiva dentro do meio futebolístico do norte do país (CAMARGO; AMARAL, 2022).

4 Aqui se colocam duas distinções importantes: cisgênero é alguém que concorda com as designações de sexo/gênero atribuídas no nascimento, e transgênero, não. O olhar para tais categorias é construído a partir da cisgeneridade, o que coloca pessoas trans(gênero) no lugar de “fora da norma”.

RECONHECIMENTO INSTITUCIONAL DE RESPEITO: O MUSEU ENTRA EM CAMPO

Confesso que fiquei surpreso em ver como gays brasileiros têm ressignificado o espaço do futebol em problemáticas vinculadas ao gênero e à sexualidade. Não sou novato nestas questões, particularmente por causa das competições esportivas LGBT que assisti fora do Brasil. Mas jamais imaginaria presenciar times inteiros de homens gays e bissexuais, uniformizados, jogando futebol e demandando visibilidade. Vou aprofundar minhas investigações sobre tais grupos. (Diário de campo, 30 jun. 2017, s/p.)

Esse trecho de minhas anotações é imediatamente posterior a um evento intitulado “Esportes nos Grupos LGBT: como tornar o esporte mais inclusivo aos grupos LGBT?”, realizado em junho de 2017 e promovido pelo Museu do Futebol, no qual fui convidado a mediar o debate. Para mim, tal encontro funcionou como um reconhecimento institucional de peso, ao colocar em diálogo diferentes pessoas que fundaram e coordenavam grupos de esportistas amadores.

O ponto interessante desse encontro é que havia representantes de um embrionário *futebol gay* (assim chamado naquele momento) e de outros que defendiam pautas menos específicas, destacando a demanda também de outras orientações sexuais e identidades de gênero. Estavam presentes membros e/ou fundadores de equipes da cidade, como Bernardo Gonzales, na época dos Meninos Bons de Bola — MBB (de futebolistas homens trans e transmasculines), e Bruno Host (Unicorns Brazil) e Douglas Batista (Bulls Football SP), de *homens gays*. Além deles, havia a presença de Érico Santos, então presidente do Comitê Desportivo LGBT (CDG Brazil), entidade fundada em 2008 com o intuito de organizar práticas esportivas específicas, em todo o território nacional.



Folder do evento. Museu do Futebol | Divulgação.

O debate de ideias no evento serviu para me mostrar a estruturação de um fenômeno relativamente novo no país, de grupos com uma pauta comum, isto é, a busca de um lugar no consagrado futebol. Apesar dela, existiam diferenças ali representadas: o agregado dos *homens gays* que discutiam a visibilidade de suas presenças na modalidade e a captura de um potencial segmento de mercado consumidor, uma organização que representava nacionalmente todas as siglas e um *homem trans* falando de si e da dificuldade de existir dentro de espaços esportivos.

No mesmo ano desse evento no Museu, o MBB vai servir de inspiração para outros grupos de homens trans (em São Paulo e no Brasil), e alguns dos líderes das equipes de homens gays, em conjunto com André Machado, do time Beescats (do Rio de Janeiro), vão fundar a LiGay Nacional de Futebol Society (LGNF), uma organização esportiva para atletas amadores LGBTQIA+ de futebol *society* em todo o país. Tais acontecimentos, em minha interpretação, são o marco fundante de uma iniciativa que se propõe contínua. É a partir deles que posso dizer que há uma

arregimentação sistemática, organizada e constante em torno do propósito, ainda em desdobramento, de edificar um futebol *LGBT*⁵.

MÚLTIPLAS ORIGENS DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS LGBTQIA+ NO BRASIL

Antes mesmo das expressões futebolísticas no âmbito da LiGay, que têm ganhado adeptos em todos os cantos, houve eventos esportivos não heterocentrados no passado. No entanto, tratar da origem exata deles na história esportiva brasileira é um esforço que, além de ser de difícil precisão, incorreria em possíveis erros e injustiças. Pessoas entrevistadas e informantes de minhas pesquisas, jogadores/as e mesmo dirigentes, não conseguem pontuar um começo e, quando o fazem, partem de suas próprias experiências e trajetórias, muitas vezes bastante recentes.

Isso provoca sempre um deslocamento interessante e, igualmente, um recontar de um “começo”. Analiticamente, quero desvencilhar-me da “obsessão das origens”, como destacou o historiador Marc Bloch (2002), por entender que tal movimento reforça heróis e mitos fundadores no transcurso da história. Ouço as narrativas e as entendo como complementares, e não como oponentes. Há, indubitavelmente, elementos reiterativos e comuns. Tento, portanto, estabelecer alguma organização das ideias, sem necessariamente trabalhar com uma cronologia de eventos.

Certamente havia jogos entre amigos e competições recreacionais locais (particularmente no sul-sudeste do país) no passado, mas nada institucionalizado do modo como as coisas acontecem atualmente no esporte, isto é, com circuitos de torneios, campeonatos regionais ou nacionais, ligas e copas, algo que a LiGay buscou pioneiramente defender.

Nos idos de 2008, por exemplo, Érico Santos cria e registra o Comitê Desportivo Gay (CDG), que logo passaria a ser nomeado “Comitê Desportivo GLBT Brasileiro”, mantendo a sigla CDG Brasil como logo principal. Com apoio de algumas pessoas, ele registrou o estatuto social em cartório e o colocou em andamento com o propósito básico de desenvolver o esporte para um segmento excluído das práticas esportivas convencionais⁶. O CDG seria uma entidade supraclubística, que

⁵ Interessante perceber que, ao mesmo tempo em que as siglas vão aumentando e a representatividade vai se concretizando coletivamente e nos discursos dos atletas permanece o “futebol LGBT”, como estandarte pelo direito de praticar futebol e, paradoxalmente, também como síntese redutora para terceiros (*outsiders*) do que tudo aquilo significa ou engloba.

⁶ O estatuto social do CDG foi registrado em 25 de julho de 2008 e poderia ser de qualquer outra associação esportiva.

representaria grupos de atletas LGBTQIA+, principalmente em eventos de grande porte (e, possivelmente, no exterior).

Nessa época, eu já havia conhecido Dulcimar Grando (apelidado “Pipoca”), um ativista dos direitos humanos e entusiasta da alteridade nas práticas esportivas, que criou, ainda no início dos anos 2000, o *Floripa Diversity Games*. Tal evento era um festival da “diversidade sexual”, do qual participavam atletas autodeclarados *homo*, *bi* ou *heterossexuais*, por meio de esportes coletivos (futsal e voleibol) e individuais (atletismo), e foi organizado, por cerca de dez anos, na capital de Santa Catarina. Lembro-me de tê-lo conhecido em 2008, quando participei como corredor na 3ª edição dos referidos Jogos.

Mas, ainda nos anos 1990, também podem ser encontradas ações que buscavam *queerizar* o futebol⁷. O cenário não era favorável: a homossexualidade tinha acabado de sair da classificação de doença mental e se vivia o *boom* da contaminação pelo vírus HIV, com a imprensa destilando que a AIDS era “a peste gay”. Os espaços de entretenimento, então chamados GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), eram segregacionistas, onde pessoas eram muitas vezes questionadas sobre suas identidades de gênero e orientações sexuais.

No futebol nacional, alguns jogadores famosos como Vampeta, Túlio Maravilha, entre outros, posavam nus para revistas pornográficas. Em São Paulo, um pequeno e modesto time fazia história, porém dentro do “armário”: o Real Centro, uma equipe que reunia *homens gays*, jogava peladas aqui e acolá, já demonstrando que existiam expressões sexuais diferentes no meio futebolístico (AMARAL, 2022, s/p).

Em recente reportagem especial para o Esporte Espetacular, ainda no mês do Orgulho LGBTQIA+ de 2022, um de seus fundadores reconheceu que apenas hoje a equipe, que é a mais longeva dentre todas que propõem práticas esportivas dissidentes, está totalmente fora do armário (HIDESHIMA; AMBRÓSIO; GUERRA, 2022). Isso foi impulsionado, possivelmente, por este movimento recente das equipes de futebol *society*.

⁷ Queerizar o esporte (ou *queering the sport*, em inglês) pode ser entendido neste contexto como subverter, contaminar, tornar queer o esporte, a partir de dentro e com presença de sujeitos LGBTQIA+ (ENG, 2006).

ATUALIDADE DO FENÔMENO: “FUTEBOL LGBT”, “FUTEBOL TRANS” E TODOS OS “FUTEBÓIS”

Arrisco dizer que o futebol LGBT vai se firmar como modelo e perspectiva a partir de um cenário inóspito, de recrudescimento de valores conservadores contra minorias sexuais (na sociedade e também no esporte), formado por volta de 2018.

Já em fins de 2017, para promover as competições futebolísticas, a LiGay criou a *Champions LiGay*, uma espécie de Campeonato Brasileiro dos clubes de *futebol LGBT*, que propõe a existência de um circuito no qual se pode regularmente competir. Desde então, ocorreram cinco edições, interrompidas em 2020 pela pandemia do coronavírus:

Nome do evento	Cidade-Sede D	ataC	lube responsável	Nº de equipes presentes
1ª Champions LiGay	Rio de Janeiro/RJ	Novembro/2017	Beescats	8
2ª Champions LiGay	Porto Alegre/RS	Abri/2018	Magia	12
3ª Champions LiGay	São Paulo/SP	Out/Nov 2018	Unicorns	16
4ª Champions LiGay	Brasília/DF	Abri/2019	Bravus	20
5ª Champions LiGay	Belo Horizonte/MG	Novembro/2019	Bharbixas	28*

Campeonatos nacionais da Champions LiGay. Elaborado pelo autor.
*25 equipes de homens gays cisgênero e 3 equipes de mulheres cis/trans lésbicas

A 1ª *Champions LiGay* ocorreu na capital fluminense e talvez tenha sido marcada pelo estereótipo do “*gay macho*” brasileiro futebolista, que ostenta características culturais de uma postura tradicional de homens héteros no futebol. Mesmo um encontro de *homens gays* cisgêneros, tal estereótipo estava impregnado nas falas, comportamentos e ações dos sujeitos. Lembrei-me dos *clones*, descritos por Martin Levine (1998): um *gay* habitante de grandes centros urbanos, com estilo próprio de roupas sensuais, músculos à mostra, que afastava qualquer suspeita de efeminação. Os *clones* eram cópias de machos heterossexuais.

Mas havia também dissonância: a surpresa do torneio foi a vitória da equipe de Belo Horizonte, os Bharbixas, nos pênaltis da final sobre os Beescats, anfitriões do evento. E mais do que a façanha, o inesperado foi um desfile improvisado da campeã, tendo alguns componentes usando saias plissadas e um jogador à frente desfilando com trejeitos considerados “femininos”. Segundo disseram ao pessoal

do Globo Esporte em entrevista, “afeminados também jogam bola” e que era preciso “romper os preconceitos dentro da própria comunidade” (BULLÉ, 2017), comentando sobre o tabu da efeminação, particularmente entre *homens gays*.

Com a popularidade do fenômeno e a explosão midiática de reportagens sobre times, jogadores e suas histórias, a expressão vai ganhando visibilidade e, portanto, os discursos começam a mudar para a questão da representação. O *futebol gay*, então, vai se tornando *futebol LGBT*.

De 2017 a 2019 muita coisa mudou: grupos desapareceram ou deram origem a outros, como o caso dos Sereyos (de Florianópolis), que foram extintos, e os componentes migraram para os Tubarões. A participação em Belo Horizonte dos Ball Cat’s, representando Manaus (AM), foi algo inusitado, pois foi a primeira vez que um time do Norte iria ao torneio. Apenas em termos de equipes, se tomarmos a 1ª, 3ª e 5ª edições, que distam 1 ano entre cada uma delas, notamos o incremento de 8 equipes a mais em cada edição, sendo que no evento de 2019 também houve a participação de três equipes de mulheres jogadoras — como visto na tabela.

As mulheres (*bissexuais, lésbicas ou heterossexuais*) têm participado cada vez mais como agentes do campeonato, seja no lugar de jogadoras, seja em postos de técnicas e assistentes das equipes (PINTO, 2019). E também pessoas trans começam a buscar um espaço de diálogo, tanto no jogar junto com outros *homens gays* em alguns times, quanto com suas próprias representações⁸.

A 5ª Champions LiGay, realizada na capital mineira, entre 14 e 16 de novembro de 2019, teve a participação máxima de 28 equipes, de várias regiões do país⁹. A organização mencionou a contabilização de 400 atletas e um público circulante dos arredores. A arbitragem oficial do evento foi realizada pela Confederação de Futebol de 7 do Brasil: seu *site* continha a contagem de 56 partidas e 216 gols marcados¹⁰.

8 Na verdade, a realidade da LiGay acaba sendo ostensiva para pessoas trans e sua presença ainda é tímida. Tais pessoas acabaram formando seus próprios times e organizando campeonatos paralelos e não participam da liga.

9 Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o financiamento que possibilitou a realização da pesquisa de campo em Belo Horizonte, em 2019.

10 Infelizmente, algum tempo depois, o *site* da confederação tirou do ar a tabela dos jogos, os resultados do confronto, o número de gols feitos e as artilharias.

Assistindo aos jogos, frequentando os vestiários, observando a composição das equipes (tanto antigas quanto as novas) foi possível perceber uma maior pluralidade étnica (mais pretos e pardos do que em edições anteriores), mais expressões de gênero (as pessoas trans se fazem presente em maior número), maior representação em termos de classes sociais e, principalmente, o discurso é outro: ouvi muita gente defendendo um *futebol LGBT* inclusivo.

Hoje, mesmo fora da LiGay, há várias equipes de *homens trans* jogando *society* (como MBB e T-Mosqueteiros, de São Paulo, BigTBoys, do Rio, Transviver F.C. e Força Trans, do Recife). Dessa forma, em que pese talvez alguma identificação com o “universo masculino” vangloriado esportivamente, as pessoas transmasculines mostram uma ruptura entre sexo biológico, gênero designado e prática social. Numa palavra, seus corpos “implodem” expectativas, valores e determinações que se esperam de um corpo em espaços esportivos.

As transmasculinidades e o *futebol trans* não são a salvação para um sistema esportivo, desigual e injusto. Porém, são a chave para questionar os velhos valores masculinos instituídos no esporte moderno (e também no futebol), por meio de práticas corporais e discursivas outras, dissidentes, que, talvez, possam se colocar como subversivas apenas pelo fato de existirem em espaços sacralizados, onde o corpo cisgênero do macho futebolista reina incólume.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Flávio. Pioneirismo em cenário adverso. **Cores do Esporte** [Blog], 11 out. 2021. Disponível em: <https://coresdoesporte.blogspot.com/2021/10/pioneirismo-em-cenario-adverso.html>. Acesso em 10 jul. 2022.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício do historiador. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

BULLÉ, Jamille. Respeito, tolerância e equipe afeminada campeã marcam a Champions LiGay. **GloboEsporte.com** [Site], 26 nov. 2017. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/respeito-tolerancia-e-equipe-afeminada-campea-marcam-a-champions-ligay.ghtml>. Acesso em 11 nov. 2018.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Wagner X.; AMARAL, Flávio C. Ball Cat's e sua trajetória no futebol do norte do Brasil. *In*: SILVA, Felipe C.; FREITAS, Aline M.; LEITÃO, Luciney A. (orgs.) Futebóis do Norte – Setor Norte: futebol e ciência. Belém: RFB, 2022. p. 57-76. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Ln-48gOhRuxKM45zeEgxiaVLFm9pdGRK_/view?pli=1. Acesso em 28 jul. 2022.

Diário de campo 1: Evento Museu LGBT. 30 jun. [2017]. 48 p.

ENG, Heidi. Queer athletes and queering in sport. *In*: CAUDWELL, Jayne (Ed.). **Sport, sexualities and queer/theory**. London; New York: Routledge, 2006. p. 49-61.

HIDESHIMA, Érica; AMBRÓSIO, José Renato; GUERRA, Marcos. Times LGBTs se espalham pelo Brasil: conheça as equipes inclusivas do país. **GloboEsporte.com** [Site], 28 jun. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2022/06/28/times-lgbts-se-espalham-pelo-brasil-conheca-as-equipes-inclusivas-do-pais.ghtml>. Acesso em 01 jul. 2022.

LEVINE, Martin. 'It's raining men: the Sociology of Gay Masculinity'. *In*: LEVINE, Martin P. Gay macho: the life and death of homosexual clone. New York: New York University, 1998. p. 10-29.

PINTO, Maurício R. As mulheres que fazem a Champions LiGay. **Ludopédio**, v. 115, n. 11, 19 jan. 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/as-mulheres-que-fazem-a-champions-ligay/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FUTEBOL TRANS- MASCULINO

HISTÓRIAS DE MEDO,
BRAVURA E CORAGEM
PARA SER QUEM SE É

Bernardo Gonzales

O medo talvez seja um dos primeiros sentimentos que experimentamos ao nascer. O nascimento humano tem como primeira sonoplastia o choro que anuncia o estranhamento e as novas percepções do processo de transitar de um mundo privado para um público. Não se trata de uma dicotomia, mas um sistema complexo que conecta os dois mundos, um só existe a partir do outro. Não se trata também de categorizar o medo como um sentimento ruim; ao contrário, é a experiência de sentir medo que nos conecta com a coragem. Um só existe a partir do outro.

Minhas experiências de medo, ou boa parte delas, nasceram diante daquilo que me era desconhecido. Não sei precisar o momento, nesse mundo privado-público, que as desconhecidas estruturas de gênero começaram a ser compreendidas por mim, mas, quando me esforço para lembrar, é sempre o medo que chega primeiro. O medo aqui é uma alegoria da passagem, algo que eu precisei entender para escolher deixá-lo pelo caminho. Sempre senti medo de ser menina. Sentia medo



dos calçados do tipo salto alto, dos vestidos, dos brincos nas orelhas, do cabelo longo e solto, das pernas que deveriam manter-se fechadas, de uma identidade que nascera para a delicadeza oposta à possibilidade de uma bola no pé. Acolher todos esses medos e criar essa espécie de negociação foi quem fez com que a coragem pudesse também ganhar espaço e permanecer.

A definição original da palavra coragem vem da palavra latina “cor”, que significa coração, e o significado original, portanto, é contar a história de quem você é com todo o seu coração. E para contar a história de quem se é, é preciso em primeira instância um ato de bravura. Esse jogo entre o medo, as estruturas de gênero, bravura e coragem é o que hoje compreendo como a história de quem sou, a história de alguém que durante um pouco mais de duas décadas resistiu, aceitou e negociou com a feminilidade e quem hoje corajosamente constrói uma masculinidade ainda desconhecida. Não é um jogo de perdas, é um jogo de acúmulos e escolhas.

Os acúmulos de medo do que eu não queria ser me conduziram a saber o que eu queria ser. Queria correr de um lado para o outro, conhecer os carrinhos de controle remoto, pilotar bicicletas em alta velocidade e, principalmente, esgotar todas as minhas energias jogando bola. O ímpeto de ser quem eu era teve muito espaço para se materializar e as imposições para ser quem eu não era também atravessaram minha história. A combinação poderosa de todas essas vivências que me permitem ser no agora.

A primeira Copa do Mundo em que a paixão pelo futebol estava instalada em meu corpo foi a de 1998. O Brasil perdeu miseravelmente na final, mas em todos os jogos que a seleção realizou, estava eu no quintal do sobrado da rua Morubixaba chutando a bola na parede e no portão - ao menos era onde eu mirava - e de vez em quando se ouvia: “Bianca, se essa bola quebrar minhas plantas eu te arrebento!”. O medo de quebrar as plantas foi substituído pela quantidade de vezes que alguém me chamaria de “sapatão” numa partida, que se acumulou com o medo e a frustração de minha mãe nunca ter priorizado o futebol junto comigo e que culminou na minha desistência consciente quando fui atropelada.

É sempre doloroso escrever sobre essas passagens, a Bianca, a pessoa que fui, costurou todos os medos e frustrações numa bola nomeada raiva. O Bernardo, a pessoa que escolhi ser, resolveu desmanchar a bola e investigar item a item. Precisei de um tempo entre uma coisa e outra, porque bem sabemos que a vida não acontece na unilateralidade; foi necessário, num ato de bravura, pendurar as

chuteiras, sentir medo e mais uma vez se dispor a encontrar com o desconhecido. Topei com outras duas paixões: ser professora e ativista social, que fizeram com que o gosto amargo de não ter me tornado jogadora de futebol fosse preenchido pela tarefa de empreender algo novo e surpreendente para as pessoas mais jovens do mundo compreendendo, principalmente, que era e é necessário que os medos que enfrentei fossem e sejam substituídos por outros. Explico: que nenhuma menina tenha medo de ser menina, porque já não será mais imposto que quem nasce com vagina necessariamente é ou será uma menina. Que nenhuma criança seja subestimada ou impedida de praticar uma atividade esportiva a partir de um critério medíocre como “isso é de menina”, “isso é de menino”.

A Bianca, a pessoa que fui, ter encontrado novas paixões, se tornar professora e feminista, foi essencial e decisivo para seu último ato de bravura: matar a si mesma para adubar a identidade do Bernardo. Todo ato de bravura envolve medo. Por um lado, eu tinha consciência do valor e sentido que geraria para a minha vida, e, por outro, um profundo luto. A única coisa que tinha era a disposição para abandonar quem eu pensava que deveria ser para ser quem eu realmente era. Precisei encarar a vulnerabilidade como o único caminho de me surpreender ou aprender alguma coisa nova sobre mim mesmo. Para minha enorme surpresa, a novidade que se apresentou foi o futebol, não mais o feminino, mas o transmasculino.

Quando esses dois universos se encontraram em mim, ambos eram grandes empreendimentos novatos! Fazia 2 anos que eu tinha iniciado a transição de gênero e o time transmasculino que participei tinha meses de existência. Meu coração se dividia em conhecer novas pessoas transmasculinas e a forma como esse novo futebol se apresentava. Eu não era mais Bianca, e o futebol que ela conhecera também não era aquele. No lugar do medo do desconhecido, meu coração e minha alma se encheram de coragem, porque eu entendi, e hoje entendo cada vez mais, que o futebol é a prática que escolhi para contar quem eu sou. Encontrar com esse outro futebol, o futebol trans, foi a porta de conexão que resultou numa profunda e tranquila autenticidade. A vulnerabilidade a que estava exposta a Bianca não era mais ponto de enfraquecimento, os quais outrora me fizeram acreditar, mas fontes de sobriedade. A Bianca sempre precisou negar quem era para ser elegível minimamente ao futebol, assim como outras também precisavam se negar. Consigo me lembrar de um bocado de rostos que certamente eram de identidades dissidentes LGBTQIAP+ negando a si mesmas. Se trata de um reencontro com a bola no pé, reviver dores e situações opressoras, mas também um alívio de poder romper com todos esses silêncios e dizeres nunca ditos sem a obrigatoriedade de ganhar todos os jogos para ser parcialmente respeitada. Vencer as partidas é sempre emocionante,



mas jogar sendo quem se é, é quinhentas vezes mais saboroso.

Estive em duas fases importantes do movimento futebolístico transmasculino. Me sinto, antes de mais nada, um pioneiro não orgulhoso. Não sinto orgulho, porque antes de orgulho é necessário denunciar a ausência desses outros futebolistas na história da humanidade. Sempre me pergunto se, de fato, fiz parte do primeiro movimento futebolístico transmasculino, ou se movimentos anteriores a mim foram exterminados sem deixar rastros na história do futebol. A conta não fecha. Sabe-se que pessoas trans sempre estiveram presente na história da humanidade e ainda que elas não tenham sido reveladas ao mundo, não quer dizer que algumas delas não jogavam futebol. Por isso, no lugar do pioneirismo prefiro me agigantar nos ombros de pessoas trans e travestis que vieram antes de mim permitindo que, acomodado em seus ombros, eu enxergue mais longe. Enxergar mais longe nessa primeira fase do movimento foi romper com o silêncio e a importância de ressignificar o que é futebol.

Bernardo posa para fotografia, 2022.
Acervo Museu do Futebol | Foto: Cassimano

As estruturas de poder coloniais cisheteronormativas estão também presentes na forma como entendemos a prática esportiva. No futebol existe uma profunda personificação dessa realidade que, muitas vezes, se materializa em nossas identidades. Me conectar com o futebol transmasculino também apresentou uma série de necessidades de construir referenciais de masculinidade e jogabilidade para além das práticas estabelecidas pelas estruturas de poder. Certa vez, um colega transmasculino do time disse: “Esses coletes estão mais fedidos que bucetas” e todos os outros riram. Parece uma piada inofensiva e sem importância, mas estimula, sobretudo, um ódio misógeno desmedido que outrora nossos próprios corpos trans masculinos foram alvos. Outra vez ouvi: “Não aguenta jogar aqui (com homens trans)? Então, que vá jogar com as meninas!” Meu ponto aqui, para além de denunciar a misoginia evidente dessas situações, é que devemos ter enorme atenção a nossa incompletude. Seja qual for nossa identidade, seguiremos sendo incompletas e imperfeitas e, portanto, o futebol transmasculino não é uma instância pronta e revolucionária em si mesma somente por se nomear transmasculino. Pessoas transmasculinas estão submetidas a estruturas de poder tanto quanto pessoas cisgênero. Construir e deixar um legado na história dos outros futebolistas, perpassa, necessariamente, por um processo de responsabilização de coletividades transgênero e cisgênero que seja, sobretudo, ética e que possibilite outros sistemas de gênero novos e imprevistos, pois são a novidade e a imprevisibilidade causadoras da manutenção e retroalimentação de transformações sociais exponenciais.

Há também estruturas de poder que precisam ser combatidas em futebolistas cisgênero lésbicos, gays e bissexuais pelas mesmas razões das expostas acima. Já vivenciei misoginia de torcedoras cisgênero lésbicas a ponto de ter de lhes explicar que o futebol transmasculino não deveria ser alvo de misoginia e machismo, sobretudo quando a raiz dessa violência local advém de uma identidade que também é afetada negativamente pelos mesmos fenômenos. Há ainda muito a ser feito, mas acredito que quanto mais falarmos sobre essas questões e aprendermos a conflitar de forma saudável, mais facilmente conseguiremos construir caminhos evolutivos no cenário esportivo.

A segunda fase que ainda estou vivendo no movimento futebolístico transmasculino é a chegada de novas coletividades esportivas trans em todo o país se formando com a real intenção de disputar narrativas com o futebol hegemônico. Ao todo, entre times ativos e inativos, são 14 equipes das quais 50% seguem ativas. Dois campeonatos exclusivos para transmasculinidades e transfeminilidades surgidos desde a COVID-19 em São Paulo e inúmeras pessoas atletas no alto rendimento, sobretudo nos Jogos Olímpicos de 2021 no Japão, têm provocado debates sobre o

binarismo de gênero que impera no cenário esportivo. Essas provocações são os abalos sísmicos das tectônicas de gênero. Ainda é novo e imprevisível o que virá nos próximos anos, mas tensionar estruturas e paradigmas até então inabaláveis tem se mostrado um caminho potente para começarmos uma alfabetização do futuro.



Equipe do T Mosqueteiros, 2022. Acervo Museu do Futebol | Foto: Cassimano.

Sigo daqui com medo, coragem e entendendo ser a humanidade uma estrutura vulnerável que nos permite sempre empreender o novo para, com tal gesto e de forma responsável, salvá-lo das ruínas que nós mesmas, enquanto pessoas, criamos. Essa economia circular de renovação dos nossos próprios contratos sociais me parece ser um caminho mais equânime e viável para as pessoas que virão depois de nós.

A MUSEOLOGIA E AS VIDAS LGBTQIA+

Leonardo Vieira

O futebol é considerado um dos maiores patrimônios culturais brasileiros. De origem inglesa, foi introduzido no Brasil por volta de 1894 e tornou-se símbolo da identidade nacional ao longo das décadas seguintes. Para além deste aspecto de grande tradição inventada, o futebol perpassa a vida cotidiana de muitas, muitas e muitos brasileiros, seja na escola, na relação com a família, lazer, entre outros âmbitos da vida social.

Nessa lógica, podemos considerar que, conseqüentemente, para alguns membros das comunidades LGBTQIA+, o futebol é também um ponto de encontro afetivo, simbólico, de lazer e de patrimônio. Porém, a muitas dessas pessoas lhes é negado o direito ao esporte, seja no campo, seja na torcida.

O futebol brasileiro e as experiências que o rodeiam, enquanto práticas sociais, refletem os valores e os estigmas da sociedade tupiniquim. Dessa forma, mostram-se muitas vezes violentos, machistas, sexistas e LGBTfóbicos.

Porém, a despeito de movimentos reacionários que insistem em menosprezar a diversidade sexual e de gênero própria da humanidade, há décadas temos acompanhado as comunidades LGBTQIA+ lutarem por seus direitos de jogarem futebol e de torcerem por seus times.



Uma dessas primeiras experiências documentadas no Brasil refere-se ao surgimento da Coligay, uma torcida composta majoritariamente por homens gays torcedores do Grêmio criada no ano de 1977. De acordo com seu fundador, o empresário Volmar Santos, a criação da torcida surgiu da noção de que o time passava por uma fase difícil e que necessitava de maior apoio de seus torcedores:

[...] o Grêmio há muitos anos não ganhava o campeonato e entrei dentro do estádio e vi que a torcida estava muito morna, achei que faltava ânimo para aquela torcida e aí me veio a ideia de formar uma torcida organizada (SANTOS, 2015a, p.5).

Porém, rapidamente, a Coligay começou a frequentar os estádios com cartazes que diziam “O ESPORTE É PARA TODOS”, demonstrando que sua existência não se tratava apenas de mais um apoio ao Grêmio, e, sim, de uma atitude em prol da cidadania plena para a comunidade de homossexuais, como se chamava na época, por meio da garantia do direito ao esporte.

Mesmo enfrentando resistências por parte da direção do clube, de outras torcidas organizadas e da imprensa esportiva, a Coligay conquistou a aceitação de parte dos torcedores do Grêmio. A nota abaixo foi publicada ainda em 1977 e exprime bem o senso de comunidade provocado pelo futebol.

Um torcedor colorado resolveu provocar os alegres integrantes da Coligay que se dirigiam ao Olímpico e gritou:
— Bichonas!
A resposta veio em cima, de um torcedor gremista:
— São bichas, mas são nossas (SÃO NOSSAS, 1977, p. 30).

Após a Coligay, foi criada a Flagay, em 1979, por torcedores do Flamengo. Décadas mais tarde, foram criadas em 2013 a GaloQueer, por torcedores do Atlético Mineiro, a Bambi Tricolor e a Palmeiras Livre, respectivamente, por torcedores do São Paulo e Palmeiras, e inúmeras outras.

É interessante também citar o surgimento dos times de futebol formados por membros da comunidade LGBTQIA+. O primeiro que se tem notícia no Brasil é o Real Centro, criado em 1989 em São Paulo, porém, assim como as torcidas, a maioria dos times foi criada após a década de 2000. Esse é o caso dos Meninos Bons de Bola, Unicorns Brazil (2015) e Alligaytors F.C. (2017). Sem falar em times

LGBTQIA+ de outras modalidades esportivas, tais como o Angels Volley (2008) e o Tamanduás-Bandeira (2017), de rugby, dentre outros.

Um mapeamento da ONG Nix Diversidade e Economia Social identificou 59 equipes esportivas LGBTQIA+ no Brasil¹.

E A MUSEOLOGIA COM TUDO ISSO?

Qual o compromisso da Museologia² com as referências esportivas LGBTQIA+? Para respondermos a essa provocação, é preciso chamar a atenção para a seguinte premissa: a Museologia que não serve para a vida, não serve para nada. Sobre isso, Mário Chagas e Diana Bogado afirmam:

A museologia social, em sintonia com o princípio anteriormente apresentado [o de que a vida e a defesa da vida vêm antes de tudo], há de servir não apenas à preservação de coisas, objetos e artefatos, mas à valorização da vida em sociedade, não à vida orgânica e biológica apenas, mas à vida como relação, como vivência e convivência, como potência não orgânica de vida, como potência de criação e de resistência (CHAGAS; BOGADO, 2017, p. 141, grifos nossos).

Primeiramente, é interessante ampliar a perspectiva dos autores para o campo da Museologia como um todo, e não apenas com os movimentos que se alinham com os pressupostos da museologia social. Afinal, deveria ser objetivo de todo o campo valorizar a vida em sociedade e não apenas a preservação físico-química das referências culturais materiais e o registro das referências imateriais.

Em seguida, é essencial compreendermos que a preservação, o registro e a comunicação da memória social e do patrimônio cultural não possuem interesse por si sós. Empreendemos esses processos visando a “educação, estudo e deleite” (ICOM, 2021). Destinchando essas três finalidades, podemos dizer ainda que a Museologia tem responsabilidades com a promoção da cidadania e da conscientização histórica - educação, com a produção e difusão de conhecimento - estudo, e com o bem estar da população - deleite.

¹ Conferir o Mapeamento Nix de Coletivos de Esporte LGBTQIA+ em: <https://nixdiversidade.org/coletivos/?sf-listdom-label=176&sf-listdom-location=&sf-listdom-tag=&sf-shortcode=3504>.

² Antes de tudo, vale apontar que se considera neste texto a Museologia como um vasto campo interessado nas relações entre a humanidade e as referências culturais e patrimoniais de uma dada sociedade, seja de forma institucionalizada ou não (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

Retomando a nossa provocação, a Museologia tem um dever cidadão de se voltar às referências esportivas LGBTQIA+ e a todas as referências dessa comunidade, pois, ao valorizá-las, está promovendo o reconhecimento e o respeito à dignidade humana de pessoas cujas sexualidades e identidades de gênero se afastam do padrão heteronormativo.

Dessa forma, conseqüentemente, contribui-se para a diminuição das violências, do preconceito e da marginalização social provocadas pela intolerância à diversidade sexual e de gênero da humanidade. Logo, a Museologia acaba por contribuir para a valorização da vida, e, principalmente, “[...] de uma vida que se faz e se realiza na concretude dos dias, dos corpos, dos movimentos e enfrentamentos. Trata-se da vida carregada de compromissos éticos, políticos e poéticos” (CHAGAS; BOGADO, 2017, p. 142).

REFERÊNCIAS

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “são bichas, mas são nossas” à “diversidade da alegria”**: uma história da torcida Coligay. 2018. 388 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184514>. Acesso em: 27 jul. 2022.

CHAGAS, Mario; BOGADO, Diana. A Museologia que não serve para a vida, não serve para nada: o Museu das Remoções como potência criativa e potência de resistência. *In*: CALABRE, Lia et al. (org.). **Memória das Olimpíadas no Brasil**: diálogos e olhares. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. p. 139-146. Disponível em: https://www.gov.br/casarui Barbosa/pt-br/centrais-de-contedo/publicacoes/pdfs/Memoria_das_olimpiadas_no_Brasil_dialogos_e_olhares_v1.pdf. Acesso em: 27 jul. 2022.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. **Pesquisa ICOM Brasil nova definição de museu**. [São Paulo]: ICOM Brasil, 2021. Disponível em: <http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Apresentacao.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em: 27 jul. 2022.

PINTO, Maurício Rodrigues. Torcidas Queer e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 14, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1460>. Acesso em: 27 jul. 2022.

DIVERSIDADE NO ESPORTE: PRESENTE

Carlos Renan dos Santos Evaldt

Nas últimas décadas, o mundo caminhou a passos largos a favor da inclusão de pessoas LGBT em todos os segmentos da sociedade, em que pese os retrocessos aqui no Brasil e em determinados países onde líderes homofóbicos e misóginos promovem a violência e a exclusão do LGBT. No universo do futebol, ainda temos muito a avançar, visto que há poucos sinais dessa abertura.

São poucos os exemplos de atletas que se declaram LGBT no esporte em geral. Mais precisamente no futebol, o assunto é tratado como se fosse o último esporte “livre” da presença de homossexuais. Somente após a aposentadoria, alguns poucos revelam sua orientação sexual, algo que, se acontecesse durante a carreira, certamente resultaria na interrupção e encerramento precoce desta.

A LiGay é uma iniciativa sem precedentes no Brasil, mostrando que o futebol é para todos e que, negar o acesso de uma parcela da população à modalidade é negar também o acesso à cultura de uma nação que se intitula “país do futebol”.

A ideia de criar uma liga nacional de futebol LGBT surgiu em 2017, com a participação de quatro equipes em um torneio na cidade de São Paulo (BeesCats, Futeboys, Unicorns, Capivaras). Após o evento, as equipes começaram a procurar times existentes por todo país e a incentivar a criação de tantos outros.



Na época, foram encontrados apenas oito times que decidiram fundar a LiGay Nacional de Futebol como associação e realizar o campeonato denominado “Champions LiGay” — em alusão ao campeonato europeu “Champions League” — tendo como primeira sede a cidade do Rio de Janeiro (RJ).

Em novembro daquele mesmo ano, o campeonato foi realizado em meio a um misto de orgulho, alegria e empoderamento. Oito foram as equipes que participaram: Alligaytors e BeesCats, do Rio de Janeiro; Magia, do Rio Grande do Sul; Unicorns e Futeboys, de São Paulo; Sereyos, de Santa Catarina; Bharbixas, de Minas Gerais; e Bravus, do Distrito Federal. Esse foi o pontapé inicial para a criação da maior liga esportiva LGBT do Mundo.

Desde então, com incentivo da LiGay, muitas equipes foram criadas e o futebol LGBT no Brasil se expandiu de um modo nunca visto, incentivando inclusive a criação de equipes esportivas em outras modalidades como vôlei, jiu-jitsu, handebol, futebol americano e outros. Atualmente, a LiGay conta com 40 equipes de futebol filiadas, 12 equipes de vôlei e está em processo de filiação com outras 15 equipes de handebol.

O trabalho da LiGay vai muito além das quatro linhas do campo de futebol. Sabemos que o esporte é uma poderosa ferramenta de inclusão social, e a LiGay, por meio de suas equipes filiadas, marca presença com a promoção de ações sociais.

Em todas as comunidades em que estamos inseridos são desenvolvidos trabalhos sociais como arrecadação de alimentos, roupas, voluntariado e resgate de pessoas em vulnerabilidade social. Buscamos com isso mostrar para a sociedade em geral que fazemos parte, que estamos inseridos no cotidiano e que queremos contribuir com o desenvolvimento do ser humano e alcançar sua plenitude.

Nosso trabalho está apenas começando. Cinco anos atrás não existíamos; hoje contamos com cerca de 5 mil atletas das mais variadas vertentes culturais e sociais. Estamos abrindo caminhos para as próximas gerações, a exemplo do que fizeram gerações anteriores como a que criou a “Coligay”, primeira torcida organizada gay do país, a quem tanto enaltecemos pelo pioneirismo. Nosso lema é “esporte para todos”, partindo da premissa que chegará um dia em que o ser humano não será julgado por sua orientação sexual ou características físicas, e que isso nunca mais será uma barreira para que lhe digam qual esporte é permitido praticar ou onde pode estar.

Queremos que o futebol e os outros esportes sejam realmente inclusivos, receptivos e voltados para todos os seres humanos que desejarem realizar a prática de qualquer modalidade. Nossa luta é para que o preconceito e a misoginia não façam mais parte do dia a dia dos atletas e rogamos para que este dia não demore, pois, enquanto isso não acontecer, vários talentos terão sido perdidos no caminho.

Essa luta e esse desejo não podem ser somente nosso, têm de ser um valor da nossa sociedade. Assim como há alguns anos o mundo se voltou para a ecologia e conseguimos avançar muito nas questões ambientais, precisamos que toda a sociedade olhe para a comunidade LGBT e se conscientize de que somos todos iguais, somos todos humanos e merecemos respeito.

SOBRE OS AUTORES

BERNARDO GONZALES

é uma pessoa trans masculina, professor com orgulho, nascido e criado na periferia de São Paulo, ativista pelos direitos humanos, especialmente das pessoas trans e travestis. Colunista do Mídia Ninja (<https://midianinja.org/>) e Ludopédio (www.ludopedio.com.br), organizador e jogador do Sport Clube T Mosqueteiros, time de futebol amador exclusivo para pessoas trans. Sonhador de outras possibilidades de ser, fazer, agir, jogar e estar no mundo.

CARLOS RENAN DOS SANTOS EVALDT

é bacharel em Direito, pós-graduado em Direito e Mercado de Trabalho pela Escola Superior da Magistratura do Estado de Santa Catarina (ESMESC) e especialista em Direito do Trabalho. Foi professor de Direito Constitucional, Direito Administrativo e Informática para Concursos Públicos. Conselheiro Estadual para Políticas LGBT do Estado do Rio Grande do Sul, é presidente do Magia Sport Club (Porto Alegre, RS) — segundo clube esportivo LGBT mais antigo do Brasil —, e da LiGay Nacional de Futebol.



DÓRIS RÉGIS

é bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação (2012) e especialista em Gestão de Conteúdos Digitais (2022) pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Faz parte da equipe do Museu do Futebol desde 2013, ano de implantação do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB). Atua como técnica em documentação desde 2021, tendo sido assistente de biblioteca (2013–2021) e catalogadora (2013). Junto aos demais membros do núcleo, desenvolve conteúdos para projetos, exposições e publicações. Fez parte da coordenação do “Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+” (2020–2022). É integrante do Grupo de Trabalho das Bibliotecas de Museus (GT7) da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM) da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. Realiza pesquisas sobre acervos em rede.

EVELYN ARIANE LAURO

é Técnica em Museologia (ETC-SP), bacharel em Turismo (FAENAC) e História (UNIFESP), especialista em Direitos Humanos (UFABC) e mestranda em Estudos Culturais (USP). Atua na museologia desde 2006, passando pelas áreas de educação, pesquisa, documentação, produção de exposição. Hoje é articuladora social no Museu da Língua Portuguesa — área dedicada à criação de vínculos entre a instituição e o território que habita. Em paralelo, atuou em movimentos sociais relacionados aos direitos humanos nos campos da educação popular, dos direitos LGBTQI+ e da redução de danos quanto ao uso abusivo de álcool e outras drogas.

FIGRELA BUGATTI

é mestre em Museologia pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMus USP) (2017), especialista em Gestão do Patrimônio Cultural e Museologia, pela Universidade de Barcelona (2010), e licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Desde 2010 atua em projetos relacionados à preservação do patrimônio cultural, com ênfase no campo museal e na gestão de processos museológicos. Ao longo deste período, trabalhou na elaboração de diagnósticos e planos museológicos; pesquisa histórica e inventariação de bens culturais; concepção e produção de conteúdos para projetos de educação, patrimônio e memória. Assumiu, em fevereiro de 2022, a coordenação do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), do Museu do Futebol.

JÚLIA PACCANARO ROSA

é bacharela em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e cursa MBA em Gestão de Museus e Inovação (UNIMAIS, Expomus e ABGC). Gordativista desde que se entende por gente, dedica-se aos estudos sobre o corpo gordo, as questões étnico-raciais, a promoção da igualdade e a inclusão sociocultural. Atua em museus desde 2012, tendo experiência em mediação cultural; formação de educadores e professores; desenvolvimento de atividades educativas, oficinas, jogos e materiais de apoio; além de pesquisa e criação de conteúdo educativo para apostilas, livros, sites e redes sociais. Atualmente, exerce a função de educadora plena no Museu do Futebol, onde trabalha desde 2018. É também um dos pontos focais do GT Diversidades – grupo de trabalho horizontal que pensa e promove ações para fomentar a diversidade, o respeito e a empatia às individualidades e às diferenças dentro da instituição.

LEONARDO VIEIRA

é historiador, museólogo (COREM 4R 341 II) e produtor cultural. Bacharel em História (FFLCH/USP) e mestre em Museologia (Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia – PPGMus/USP), coordena atualmente a área de Museologia e Acervo do Museu da Diversidade Sexual. Desenvolve projetos culturais ligados à memória, cultura e patrimônio em bairros da zona leste da cidade de São Paulo por meio do Coletivo Memória & Resistência e também trabalhos técnicos e pesquisas relacionadas à gestão de acervos museológicos, formação em museologia, patrimônio, memória LGBT e processos curatoriais. É membro da Rede LGBT de Memória e Museologia Social e do Grupo Pro-Musas – Pesquisas e Desenvolvimento de Projetos Museológicos.

LIGIA DONA

é cientista social formada pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e pós-graduanda em Data Science e Analytics (ESALQ/USP). Foi pesquisadora do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), onde atuou entre 2016–2022 a frente de projetos de pesquisa e exposições – destaque para CONTRA-ATAQUE! As Mulheres do Futebol (2019) e Pelé 80 anos (2020). Foi curadora e redatora da exposição virtual *Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+* (2022) e integrou o comitê de orientação do I Edital de Seleção de Jovens Pesquisadores (2022). Compôs a equipe que idealizou o livro *Histórias da Copa América Feminina* (Conmebol, 2022). Integrou o núcleo de pesquisa Raça, Desigualdade e Justiça Racial (AFRO CEBRAP/USP), sob coordenação da Prof. Dra. Márcia Lima (2017–2020).

MARCEL TONINI

é doutor (2016) e mestre (2010) em História Social pela Universidade de São Paulo, sendo também bacharel (2006) e licenciado (2005) em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Campus de Araraquara). Integra o Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO/USP) e o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS/USP). É, também, um dos editores do portal Ludopédio (www.ludopedio.com.br) — especializado em divulgação científica sobre futebol —, bem como de sua editora homônima. Entre janeiro e junho de 2021, trabalhou como pesquisador, consultor e membro da equipe curatorial da exposição temporária *Tempo de Reação — 100 anos do goleiro Barbosa*, do Museu do Futebol. Desde dezembro do mesmo ano, atua como pesquisador sênior do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), da mesma instituição. Tem experiência nas áreas de Ciências Sociais, História e Museologia, tendo desenvolvido pesquisas e publicado textos sobre futebol, negritude, relações étnico-raciais, racismo, xenofobia, migração, memória e identidade.

MARCELO CONTINELLI

é Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP, 2016) e graduado em História (bacharelado e licenciatura) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2009). Atua como Assistente de Coordenação no Museu do Futebol desde 2013, tendo sido seu educador (2010–2013), quando participou de projetos educativos, da criação de jogos e materiais de apoio, do desenvolvimento de roteiros temáticos e da elaboração do sistema de avaliação institucional de visita educativa. Foi membro do Conselho de Administração do IDBrasil (2010–2016), organização social responsável pela gestão do Museu do Futebol e do Museu da Língua Portuguesa. Atuou como professor de História para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Programa de Educação Interdisciplinar da Faculdade de Educação da PUC-SP (2007–2009).

UMA REIS SORREQUIA

é mestranda em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM/ESPM-SP), aperfeiçoada em Infâncias e Direitos Humanos (CLACSO) e licenciada em Geografia (UFSCar), tendo realizado parte de seus estudos de graduação na Universidad Nacional de Córdoba (UNC) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atua na área educativa formal, não formal e popular desde 2015 com foco para a diversidade, em especial, as populações travestis, transexuais e transgêneros. Atualmente, é articuladora social jr. no Museu da Língua Portuguesa, onde atuou também como arte-educadora. Paralelamente, atua em projetos independentes voltados para a divulgação científica dos estudos de gênero, sexualidades, desvios e diferenças.

WAGNER XAVIER DE CAMARGO

é cientista social, com especial inclinação a investigar questões relativas ao debate sobre gênero e sexualidade no campo esportivo. Atualmente, é professor da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas, lotado no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte (DELART). Possui dois estágios de pós-doutorado em Antropologia Social junto à Universidade Federal de São Carlos, com financiamentos FAPESP (2013–2016) e CAPES (2016–2019). Em termos de formação acadêmica, é Doutor em Ciências Humanas, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2008–2012), Mestre em Educação Física (Unicamp, 1997–1999), Bacharel em Sociologia (Unicamp, 1996) e Licenciado em Antropologia (Unicamp, 1995). Além disso, é membro efetivo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e membro-fundador da Rede Brasil-Alemanha de Internacionalização do Ensino Superior (REBRALINT). É pesquisador-colaborador do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (Deutscher Akademischer Austausch Dienst/DAAD) e membro do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidades (LELuS), grupo registrado na plataforma do CNPq. Em 2021, publicou seu primeiro livro, “Leituras de Gênero e Sexualidade nos Esportes”, por meio de edital público da EdUFSCar.



ANEXOS



**MUSEU DO FUTEBOL
CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO (CRFB)
DIVERSIDADE EM CAMPO: FUTEBOL LGBTQIAP+**

Nome do participante:

Nomes dos entrevistadores:

Data:

Local de realização:

ROTEIRO

INTRODUÇÃO

1. Apresentação das pessoas entrevistadas:
 - Nome e apelido;
 - Data e local de nascimento.
2. O que faz no dia a dia?
 - Ocupação (atividade exercida antes da aposentadoria, se for o caso);
 - Área de estudos.
3. De qual time faz parte e qual sua função nele?

MOTIVAÇÕES E EXPERIÊNCIAS PESSOAIS E AFINIDADE PELO FUTEBOL

4. Fale um pouco da sua infância, do lugar onde cresceu e da sua adolescência. Onde estudou? Já trabalhava nessa época?
5. Conte um pouco sobre sua família e seus pais.
6. Como se interessou por futebol? Alguém ou algo o influenciou? Teve algum incentivo familiar para gostar de futebol?
7. Além de jogar em um time, você torce por algum? Acompanha o futebol televisionado, campeonatos estaduais ou outros times no geral?
8. Em estádios, já foi? É algo que gosta? Vai com quem?
9. Qual sua lembrança mais antiga de futebol?

10. Já jogou na várzea ou outros times amadores? Conte sua experiência.

11. E como você chega aos times LGBTQIAP+?

12. Relembre alguma experiência marcante (inusitada, engraçada ou emocionante) que envolva futebol.

13. É comum, infelizmente, ouvirmos histórias de preconceito. Isso já aconteceu contigo, dentro ou fora de campo?

14. Você acha que as ações contra o preconceito encabeçadas por federações estaduais no último ano têm alguma efetividade? Consegue sentir mudanças?

SOBRE O TIME

15. Quando e como surgiu o time? Qual é sua de fundação? E membros fundadores?

16. Qual a motivação para criar o time? Como foi a articulação do grupo para consolidá-lo?

17. Quando você entrou no time? Além da função que desempenha atualmente, passou por alguma outra?

18. Qual o procedimento para entrar no time? Há algum critério para ingressar?

19. Onde costumam jogar e treinar? Se reúnem com frequência?

20. Vocês têm treinador? Quem é? Já tiveram outros?

21. Como o time se mantém financeiramente? O time tem patrocinadores ou se relaciona com aqueles que apoiam os campeonatos?

22. O time tem torcida? Quem são as pessoas que a compõem? Elas acompanham a equipe em todos os eventos?

23. Ainda com relação a torcida, vocês têm algum canto?

EXPERIÊNCIA EM CAMPEONATOS

24. Em 2019 aconteceu em São Paulo a primeira edição do True Colors Cup. Como foi a experiência de jogar no campeonato?

25. Você já participou de outros campeonatos semelhantes, como a Champions LiGay? Se sim, descreva a experiência.

26. Além desses, participa de outros campeonatos esportivos com o time? Se sim, quais?

27. Você ou o time participa ativamente da organização de algum dos campeonatos mencionados?

28. Nesses campeonatos, mais especificamente nos anteriormente mencionados, o público alvo são homens gays ou abrange o restante da sigla LGBTQIAP+? Se não, acredita que há algum constrangimento, explícito ou não, desses outros segmentos da sigla em participar?

29. Quem joga em liga LGBTQIAP+ também joga em liga heterossexual? Sente que há diferença em jogar em cada um dos dois? Fale um pouco sobre isso.

30. Apenas um adendo: nós adotamos inicialmente a nomenclatura LGBT+ porque vimos que o debate sobre orientação de gênero tem aumentado. Gostaríamos de saber se você sugere outra forma ou nomenclatura a ser adotada.

31. Pensando na realidade que estamos vivendo hoje com a pandemia, como tem sido para o time, os jogadores?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

32. Se você pudesse sintetizar, o que o futebol representa para você hoje?

33. Se fossemos criar uma sala ou uma exposição no museu para falar de futebol e diversidade, o que não poderia faltar nelas?

34. Por fim, há algo que você acha importante falar e que esquecemos de perguntar?

